

JAIME SALAZAR SAMPAIO

TEATRO,
AINDA



JAIME SALAZAR SAMPAIO

TEATRO, AINDA

Prefácio de
Luiz Francisco Rebello



1998

Editor: Hugin - Editores, Lda.
Apartado 1326 - 1009 Lisboa Codex
Tel.: (01) 813 01 39 - Fax: (01) 814 42 12
Email: hugin@esoterica.pt

Grafismo: Júlio Sequeira

Composição e maquetagem: Hugin - Editores, Lda.

Montagem, impressão e acabamento: Sociedade Astória, Lda.

ISBN: 972-8310-85-4

Depósito Legal: 127731/98

Primeira edição: Outubro de 1998

ESTA «ÍNCLITA GERAÇÃO»

Surpreendente e inesperado é o que me apetece dizer depois de ter lido e relido a última criação teatral de Jaime Salazar Sampaio. Esta «Ínclita Geração» é o ajuste de contas de um autor dramático com um país de horizontes fechados que funcionou – e se calhar continua a funcionar, embora estejamos demasiado distraídos com o barulho das luzes para o perceber, e daí a importância desta obra – como uma família remediada (expressão muito em voga nos anos sessenta que continha toda a capacidade de ambição então possível).

É surpreendente que o autor que em Portugal mais vezes trilhou – ou pelo menos seja “acusado” disso – os limites do absurdo (noutro local já chamei irreal quotidiano ao “absurdo” de Jaime Salazar Sampaio) nos coloque agora em mãos – e espera-se, nesta triste esperança da dramaturgia portuguesa contemporânea, que brevemente nos palcos – uma farsa política doméstica, levemente corrosiva, de ferocidade contida, de dentes arreganhados e prestes a morder.

E o que é inesperado é que Jaime Salazar Sampaio o tenha feito conservando nesta «Ínclita Geração» algumas das características recorrentes do seu teatro: os espaços fechados (desta vez *olhuis-clos* atinge a dimensão do absurdo, de tal modo o carácter fechado do espaço é assumido, uma vez que o contacto com o exterior só é possível através de um periscópio), e a preferência pelo universo feminino como elemento determinante – quase como deus *ex-machina* – das situações e

das acção. E quase que vislumbro o ar perverso com que Jaime Salazar Sampaio assumiu tratar a ditadura no feminino e em família.

Dona Teresa e Rosália são a reencarnação da extensa galeria de personagens femininos do autor, só que desta vez exercendo assumidamente o poder. Até as ingénuas meninas excitadas já as encontrámos noutros locais inventados por Salazar Sampaio, só que noutro registo mais contido e dramático; desta vez, perderam a vergonha e já podem entrar na farsa.

Falando desta ínclita geração, é obviamente de Portugal e da ditadura que o autor pretende falar, mas também do Portugal contemporâneo onde ainda continuamos a conviver com muitos dos resquícios e dos tiques desses anos de chumbo, com os quais Salazar Sampaio é impiedoso.

Ao ler e reler «A Ínclita Geração» pensei muito em duas outras obras teatrais: «O Chá dos Generais» de Boris Vian e «Anastas» do catalão Juan Benet. E se é verdade que o registo por que Jaime Salazar Sampaio optou acaba por o aproximar do universo daqueles textos e daqueles autores, particularmente de Vian, não é menos certo que tem a profunda vantagem de o fazer sobre nós e o nosso passado recente. E essa acaba por ser a principal contribuição desta «Ínclita Geração» e do ajuste de contas que ela significa: um olhar sobre a nossa vida como se toda ela a tenhamos vivido num pequeno regabofe.

José Martins

Viana do Castelo, Julho de 1998

(ano da Expo em Lisboa)